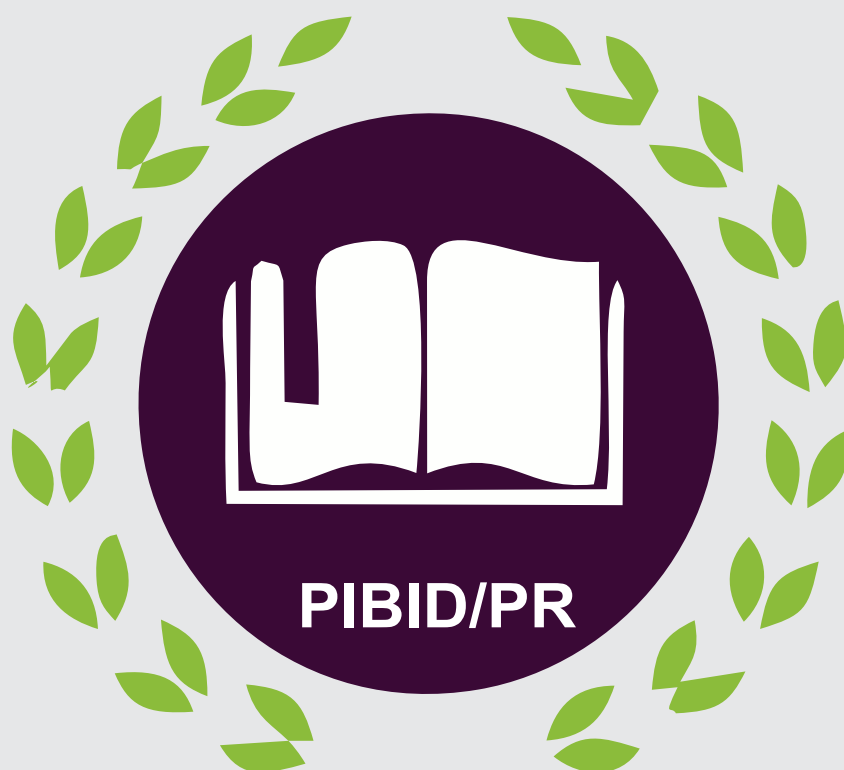


# II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

## Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014  
ISSN: 2316-8285

## CONTRIBUIÇÃO DO PIBID COM A TEMÁTICA AFRICANIDADES NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: REPENSANDO A PRÁTICA

Gizele Aparecida Tenório Costa

**RESUMO:** Propõe-se relatar neste artigo as reflexões e práticas pedagógicas construídas a partir de discussões levantadas pelo projeto PIBID, o qual visa discutir questões relacionadas à Educação das Relações Étnico-Raciais e o repensar da prática do professor de Língua Portuguesa em inserir no seu planejamento a temática. Parte-se, portanto, dos estudos sobre a Lei 10.639/03 e sua importância na área educacional.

**PALAVRAS – CHAVE:** Educação. Africanidades. Práticas Pedagógicas.

### Introdução

Participante do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), como professora supervisora, acompanho um grupo de alunas que fazem observações e intervenções nas turmas dos 6 anos do ensino fundamental, inseridos em uma escola pública. Nesse sentido, este trabalho visa o desenvolvimento de práticas relacionadas às questões étnico-raciais para o aperfeiçoamento do trabalho docente.

Embora os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e as Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná (DCE) promovam uma discussão sobre a importância em valorizar a pluralidade cultural e diversidades culturais, porém não trazem estratégias de trabalho para fundamentar o trabalho do professor e suas metodologias. Com isso, pode gerar um desinteresse e até mesmo, práticas que podem se tornar racistas e discriminatórias, fruto do desconhecimento de como tratar as temáticas, tirando dos alunos o direito de construir uma identidade cultural baseada numa educação para a diversidade.

Historicamente, registra-se dificuldade para se lidar com a temática do preconceito e da discriminação racial/étnica. O País evitou o tema por muito tempo, sendo marcado por “mitos” que veicularam uma imagem de um Brasil homogêneo, sem diferenças, ou, em outra hipótese, promotor de uma suposta democracia racial. (PCNs, 1997, p.20).

Partindo desse pressuposto, a contribuição do PIBID é de extrema importância, vindo com seus estudos e práticas somar ao trabalho que vem sendo desenvolvido com a temática africanidades nas aulas de Língua Portuguesa. Costuma-se dizer que poucos professores trabalham a questão e as justificativas são muitas como: falta de preparo do professor, falta de materiais adequados, entre outros. Conforme pode ser observado no fragmento abaixo:

[...] alguns professores por falta de preparo ou por preconceitos nele introjetados não sabem lançar mão das situações flagrantes de discriminação no espaço escolar e na sala de aula como momento pedagógico privilegiado para discutir a diversidade e conscientizar seus alunos sobre a importância e a riqueza que ela traz a nossa cultura e na nossa identidade nacional. (MUNANGA, 2005, p. 7-8)

Com isso, faz-se necessário uma desconstrução de conceitos que foram incorporados na educação brasileira e na formação desses professores, é nesse trabalho de construção de novos paradigmas, e de posicionamentos frente a essa temática que o professor terá autonomia de desenvolver práticas pedagógicas condizentes com o momento histórico, cultural que está inserido.

Nesse sentido, estudar africanidades brasileiras significa,

estudar um jeito de ver a vida, o mundo, o trabalho, de conviver e lutar por sua dignidade, próprio dos descendentes de africanos que, ao participar da construção da nação brasileira, vão deixando nos outros grupos étnicos com que convivem suas influências, e, ao mesmo tempo, recebem e incorporam as daqueles. (SILVA, 2003, p. 12).

Diante desse quadro, após ingressar no Programa PIBID, percebi que tudo eram desculpas, basta o professor querer e buscar recursos e um aprofundamento teórico que tudo facilita esse trabalho.

Portanto, um novo olhar, o repensar acerca da centralidade da questão racial na nossa prática pedagógica, nos projetos e nas políticas educacionais e para isso, faz-se necessária atenção maior nos currículos, conteúdos escolares, livros didáticos e outros materiais que são fontes de conhecimentos, assim também na formação do professor.

Nesse sentido,

O movimento negro vem, ao longo dos anos, reivindicando revisão do currículo escolar nos diversos níveis de ensino formal. Essa reivindicação tornou-se lei e foi delineada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Raciais e para o Ensino da História e da Cultura Afro-brasileira e Africana. Entretanto está na lei, mas não está nos costumes. Construir uma prática pedagógica que destaque o negro como sujeito ativo na construção de nossa sociedade é um dos grandes desafios que se tem enfrentado. (SANTOS, 2006, p.4).

Muitas vezes a escola desconhece e desconsidera essa questão por não vivenciar em muitas situações ou por omissão, assim quando ocorre um caso de discriminação o educador não está preparado para trabalhar com aquela situação.

Cavalleiro (2001) enfatiza que somente com uma educação baseada na informação e no questionamento crítico em relação às desigualdades sociais, como também nos problemas

relacionados ao preconceito e à discriminação, será possível uma transformação da sociedade, sociedades esta que tem excluído muitos indivíduos do direito à cidadania.

Sendo assim, a educação antirracista exige de nós práticas metodológicas com percepções de mundo diferentes e isso o educador pode e deve fazer a começar com as mudanças conceituais enraizadas.

## **Desenvolvimento**

A proposta desse trabalho é desenvolver nas aulas de Língua Portuguesa, práticas educacionais que possibilitem conhecimento com fundamentações teóricas da contribuição da cultura africana na sociedade atual. Dessa forma, atividades relacionadas a temática será inserida no meu plano anual de ensino, bem como intervenções realizadas pelas estagiárias pertencentes ao programa PIBID nas aulas de Português. É nesse contexto que o trabalho será desenvolvido, na ótica do reconhecimento identitário e o entendimento do aluno como sujeito sociocultural.

Diante de uma trajetória de educadora o despertar do trabalho étnico-racial levou-me a desconstrução de crenças e visões estereotipadas. Com as leituras já realizadas sobre o tema, nesta fase inicial do PIBID, hoje compreendo que o fato de sermos diferentes uns dos outros é o que nos aproxima e que torna mais iguais (ou deveria).

Nem sempre o diferente nos encanta. Muitas vezes ele nos assusta, nos desafia, nos faz olhar para a nossa própria história, nos leva a passar em revista as nossas ações, opções políticas e individuais e os nossos valores. Reconhecer as diferenças implica em romper com preconceitos, em superar as velhas opiniões formadas sem reflexão, sem o menor contato com a realidade do outro. Infelizmente, muitas vezes, encontramos entre os/as educadores/as opiniões do tipo "não vi e não gostei". Será que essa postura cabe ao/a educador/a? (GOMES, 2008 p.3)

Mas, será que a escola está preparada para entender tal concepção? Nas práticas pedagógicas percebo que ainda em algumas situações, a escola considera uma escola igual para todos, e onde ficam as diferenças? Considerar a aprendizagem e alunos de uma forma uniforme é uma maneira perigosa de entender a educação..

Sendo assim, estou refletindo a cada dia a minha prática metodológica mediante leituras realizadas em reuniões ocorridas pelo PIBID, entre outras que é através da diversidade, seja ela, cor, raça, sexo, crenças, estarei formando cidadãos críticos.

O “fazer” pedagógico no desenvolvimento das atividades em sala de aula aponta uma reeducação étnico-racial e uma quebra de paradigmas passada de geração em geração. Nessa perspectiva,

A grande tarefa no campo da educação” há de ser a busca de “caminhos e métodos para rever o que se ensina e como se ensinam, nas escolas públicas e privadas, as questões que dizem respeito ao mundo da comunidade negra. A educação é um campo com sequelas profundas de racismo, para não dizer o veículo de comunicação da ideologia branca. (ROCHA, 1998, p.56).

Nesse sentido, o que ensinar e para que ensinar são propósitos fundamentais no processo ensino-aprendizagem e é tarefa do educador tomar conhecimento do conteúdo a ser ensinado.

É nesse contexto que as aulas estão sendo ministradas e durante um planejamento realizado e orientado pela coordenadora do PIBID, juntamente acompanhado por mim, professora regente, vale salientar que a primeira experiência trabalhada foi com o gênero contos africanos, no qual os alunos puderam inserir e conhecer mais da cultura africana e seus valores.

Outra experiência significativa que foi desenvolvido pelas acadêmicas foi a temática: O racismo no futebol, no qual foi trabalhado com o gênero crônica, onde os alunos obtiveram excelentes resultados e realizaram a produção de um desenho, no qual dava-se ênfase ao período da copa do mundo, foi realizada atividades abordando a temática e produção de atividades pelos alunos.

Outro momento marcante do trabalho com a questão das africanidades foi a realização da Mostra Cultural, no qual alunos do 6º ano, num colégio público de Ponta Grossa, durante dois meses pesquisaram sobre o assunto da influência do negro no cinema, literatura, arte, dança e música. Após a pesquisa, confeccionamos materiais para serem expostos na feira. Foi um momento cultural, sendo que os alunos puderam ter acesso a informações sobre o assunto e oportunidade de colocar em prática o que foi estudado e reconhecer a importância desse povo na nossa cultura.

**741**

## **Conclusão**

Com esta experiência estou aprendendo como diz FREIRE (1996), ensinar, aprender e pesquisar, esses trabalhos desenvolvidos mostram que quando o professor sente a importância de desenvolver trabalhos de valorização das diferenças culturais que compõem a nossa sociedade e a identidade de cada um, ele estará contribuindo com a própria formação cultural.

A superação do medo e do novo é que nos faz crescer e amadurecer, tornando-nos profissionais seguros que valorizem as diferentes e diversificadas raízes de identidade e que sempre está buscando compreender e ensinar diferentes modos de ser, cada um com sua maneira de pensar, agir e ser.

Então, conhecer, respeitar e tratar pedagogicamente essas diferentes experiências é um dos caminhos para tornar uma escola democrática. Essas alunas que estão envolvidas nesse

projeto farão a diferença na sua formação. São futuras profissionais que terá um novo olhar para educação e uma maneira diferente de conduzir suas aulas e seus alunos.

O processo de parceria que estabelecemos escola e universidade com o programa PIBID tem facilitado para o desenvolvimento dessas atividades, permitindo assim um trabalho colaborativo entre nós, e surtindo excelentes resultados.

### **Referências Bibliográficas**

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAVALHEIRO, Eliane dos Santos. Identificando o Racismo, o Preconceito e a Discriminação racial na escola. In: LIMA, j. C.; ROMÃO e SILVEIRA, S.M.(orgs.). **Os negros e a Escola brasileira**. Florianópolis: NEN, n. 6, 1999, p.49-80. (Série Pensamento Negro em Educação).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e diversidade cultural**: refletindo sobre as diferentes presenças na escola. 2008. Disponível em: <http://www.ufgd.edu.br/reitoria/neab/downloads/educacao-e-diversidade-cultural-refletindo-sobre-as-diferentes-presencas-na-escola>. Acesso em: 18 set 2014.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na Escola**. 3. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Fundamental, 2005.

ROCHA, José Geraldo da. *Teologia e Negritude*. Santa Maria, Pallotti, 1998.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Africanidade: esclarecendo significados e definições. **Revista do Professor**. Porto Alegre, ano 19, n. 73, p. 26-30, 2003.